

A UNIVERSIDADE AO LONGO DA HISTÓRIA – REFLEXÕES SOBRE A UNIVERSIDADE ATUAL NO BRASIL

Martha Priscila Bezerra Pereira ¹

RESUMO

As universidades, enquanto instituições sociais, surgiram em diferentes contextos históricos e geográficos com a função de sistematizar saberes, difundir ideias cívico-religiosas e formar elites intelectuais. Contudo, esses modelos seguiram alguns padrões a partir de marcadores específicos da história como a Idade Média e Moderna, em que buscava principalmente difundir ideias religiosas e organizar o conhecimento a partir da religião. Na Idade Contemporânea buscou dedicar-se a formação da burguesia seguido da necessidade de formar a força trabalhadora especializada e técnica. Dos modelos orientais e ocidentais, essas instituições evoluíram segundo interesses culturais, religiosos e políticos. No Brasil, a universidade se estruturou tardiamente devido principalmente a imposições do sistema de colonização implantado no país. Ao longo dos séculos XIX e XX buscou se estruturar na direção dos grandes centros com posterior movimento de interiorização. No século XXI a universidade pública brasileira enfrenta desafios como a precarização de recursos, a rigidez curricular, a evasão estudantil e a desconexão entre formação acadêmica e inserção profissional. Este trabalho tem como objetivo analisar criticamente o papel da universidade brasileira contemporânea à luz de sua trajetória histórica, discutindo tensões entre sua função social e as demandas do presente. Este trabalho se baseia em autores como Boaventura de Souza Santos e Aldo Janotti. Os procedimentos metodológicos foram os seguintes: a) levantamento de referências e; b) revisão da literatura. Os resultados indicam que, apesar das adversidades, a universidade brasileira mantém-se como espaço estratégico de produção do conhecimento, inclusão social e resistência crítica. No entanto, necessita de maior integração entre formação e mercado de trabalho, assim como diminuiu a qualidade na formação de lideranças.

Palavras-chave: Ensino Superior, formação profissional, permanência estudantil, história, desafios.

INTRODUÇÃO

Quando se menciona o termo universidade no século XXI no Brasil, muitos dos alunos associam ao termo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ou vestibular. Relacionam a uma obrigação social necessária, expectativa de melhoria da vida, a um desejo de aprofundamento de determinado conhecimento ou ao aprendizado de determinada profissão que pretende exercer, entre outras possibilidades.

Além desse pensamento inicial, percebe-se que, na atualidade, há um contexto que demanda mudanças significativas na forma como a universidade é visualizada, especialmente no Brasil da década de 2020. Essa mudança de percepção não ocorre de forma homogênea, mas se relaciona com transformações sociopolíticas, econômicas e

¹ Docente na UAG da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, mpbcila@yahoo.com.br.

culturais profundas. Por um lado, há uma cosmovisão emergente que exige novas formas de compreender a vida e a educação, articulada a partir de uma lógica mais integradora e complexa do conhecimento. Por outro, há uma crescente desvalorização da universidade pública em certos discursos sociais e políticos. A presente reflexão parte de uma constatação prática confrontada com evidências documentais e acadêmicas, porém perpassando por sua trajetória histórica para entender um pouco da dinâmica dos vários propósitos desta instituição.

Este texto tem como objetivo analisar criticamente o papel da universidade brasileira contemporânea à luz de sua trajetória histórica, discutindo tensões entre sua função social e as demandas do presente.

Além desta introdução e das considerações finais, o texto foi dividido em três partes. Na primeira parte “Metodologia” serão apresentados os caminhos percorridos neste trabalho. Na segunda parte “Referencial teórico”, serão apresentadas as bases teóricas para lidar com o tema. A terceira parte “Resultados e discussão” busca tratar a universidade a partir da sua origem e propósito, ao longo do tempo e do espaço, como ela se organizou no Brasil e qual seus propósitos na atualidade.

METODOLOGIA

Para atender ao objetivo deste trabalho foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: a) levantamento de referências e; b) revisão da literatura.

O levantamento de referências foi realizado a partir da pesquisa nas Bibliotecas da Universidade Federal de Campina Grande e do Instituto Histórico de Campina Grande e na internet (artigos e livros).

A revisão da literatura pode ser entendida como a reunião de várias ideias sobre determinado tema a partir de leituras de trabalhos publicados por outros autores (Brizola e Fantin, 2016). No caso deste estudo, essa revisão da literatura foi realizada para entender melhor sobre o propósito de cada universidade ao longo do tempo e do espaço para entender o que permanece e quais as necessidades que são do tempo presente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Schwartzman (1984) defendia que a instituição denominada Universidade é uma organização humana complexa e diferenciada. Entende que é possível elaborar uma teoria a partir das legislações e organogramas que influenciam os comportamentos e levam a



resultados específicos. A partir desse autor é possível inferir que essa seria uma fonte interessante para auxiliar a entender melhor teoricamente essa instituição.

Na **Europa medieval** a universidade era principalmente uma instituição de difusão da cosmovisão cristã, como uma reação da cosmovisão não-cristã difundida em universidades dominadas por outras crenças (Janotti, 1992).

Entenda-se **cosmovisão** como uma orientação fundamental do coração em um conjunto de pressupostos que mantém a constituição básica da realidade e que fornece o fundamento sobre o qual um indivíduo ou uma coletividade se move e existe (Sire, 2018).

Na medida em que os poderes vão se modificando (monarquia ou Estado, países católicos ou protestantes) também tem interesse em fundar esse tipo de instituição em seu território durante a idade moderna e contemporânea, modificando o direcionamento do público que deve frequentar, como irão entender e lidar com o conhecimento científico.

Um exemplo disso é a organização dos novos modelos que surgem na **Idade Moderna**, em que a universidade precisava atender às exigências do liberalismo e da industrialização (Barros e Lehfeld, 2007). Desta forma, surgem modelos de universidade como: a) **modelo imperialista napoleônico** (era disponível à sociedade e defendia as ciências experimentais, mas continuou a ideia da difusão do conhecimento); b) **modelo idealista alemão** (o conhecimento deveria ser gerado para ser compartilhado com a comunidade); c) **modelo elitista inglês** (era voltado apenas para preparar a elite dirigente) e; d) **modelo utilitário norte-americano** (voltada a preparar cidadãos ativos que estivessem empenhados no progresso da nação) (Castanho apud Santiago, 2006).

Na **Idade Contemporânea** surgem outros modelos de universidade: a) **democrático-nacional-participativo** (universidade como espaço livre da manifestação do espírito nacional e aglutinada ao Estado Nacional) e; b) **neoliberal-globalista-plurimodal** (atende às exigências do mercado mundial e assume vários modos de agir de acordo com a necessidade do mercado) (Castanho, apud Santiago, 2006).

Defende-se que a instituição “Universidade” surgiu para formar a liderança a partir dos princípios dos poderes hegemônicos do território que a gerencia e que esta característica é a mais importante para que continue a existir no século XXI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trecho está subdividido em quatro subtópicos: “origem e propósito” em que mostra o contexto e o propósito em que surgiu a universidade na Idade Antiga. Na segunda parte “A universidade ao longo do tempo e do espaço” descreve a formação de



universidades ao longo da idade média, moderna e contemporânea. O terceiro subtópico “Universidade do Brasil” busca mostrar um pouco do desenvolvimento desta instituição no Brasil. O quarto subtópico “Propósitos atuais da universidade: questionamentos e possibilidades” têm como necessidade apresentar o contexto atual e possíveis novas necessidades decorrentes.

ORIGEM E PROPÓSITO

Esse modelo de ter alguém para ensinar e outros para aprender já fazia parte da humanidade antes da invenção do que atualmente se denomina universidade, isso é perceptível na Grécia Antiga com os filósofos e seus discípulos e em várias sociedades em que os mais experientes passam seu conhecimento para os neófitos, como foi o caso da **Academia de Platão** em Atenas, onde se discutia sobre matemática, astronomia, música, conceitos da vida e do mundo e formava-se a liderança política das comunidades representadas na escola. Depois surgiu o **Liceu de Aristóteles**, coordenado por Aristóteles, também em Atenas, onde foram produzidos mais de quatrocentos títulos e teve como um de seus alunos Alexandre - o grande. Esse material produzido foi deslocado posteriormente para a **Biblioteca de Alexandria**, local que tanto o ocidente quanto o oriente tiveram acesso (Sousa, 2009; Santos e Almeida Filho, 2012; Werman e Machado, 2016). Esse momento histórico foi importante para que o oriente entrasse em contato com esse conhecimento e desenvolvesse seu conhecimento nessa base, como também foi importante para que na Idade Moderna esse conhecimento retornasse ao Ocidente. Essa instituição social surgiu com a função de sistematizar saberes, difundir ideias cívico-religiosas e formar elites intelectuais em determinado contexto histórico e geográfico.

A primeira instituição de ensino superior seria a de **Nalanda**, na Índia, em que a maior preocupação seria a difusão do budismo. Seus eruditos eram também monges que tornaram esse ambiente um local rigoroso de estudo para tornar-se um guardião natural do significado profundo do ensinamento original do Buda. Estudantes provenientes da China, Japão, Coréia, Tailândia, Tibet, Mongólia e de diferentes partes da Índia frequentaram esta universidade. Suas matérias seculares incluíam: filosofia, história, direito, linguística, arquitetura, escultura, astronomia, matemática, lógica, alquimia, medicina e anatomia (Santos e Almeida Filho, 2012; Marques et al. 2021).

As escolas gregas e a biblioteca de Alexandria foram precursoras da Universidade de Nalanda, ainda na Idade Antiga. Esses locais preocuparam-se em difundir o conhecimento a partir de sua cosmovisão, seja filosófica, militar e/ou religiosa.



A UNIVERSIDADE AO LONGO DO TEMPO E DO ESPAÇO

Na **Idade Média** (séc. V à 1453), a universidade que parece ser a mais antiga foi fundada por uma mulher, a Fátima al-Fihri (filha de um próspero comerciante da Tunísia denominado Mohammed Al-Fihri) no ano de 859 d.C. em Fez, Marrocos, a **Universidade de Jâmi'at al Qarawiyyin**. Tinha como propósito difundir as ciências gerais a partir da cosmovisão do pensamento islâmico (Santos e Almeida Filho, 2012).

A partir da forte influência da cultura árabe e da instituição da mesquita El Azhar foi fundada a **Universidade do Cairo** no ano de 970 d.C. Um de seus propósitos era difundir o pensamento islâmico, além das ciências gerais (Wanderley, 1991).

Em 980 d.C. em Afshana, vila próxima a Bucara, Pérsia (parte da antiga Pérsia que atualmente está no Uzbequistão) nasceu **Avicena**, nome latino de Ibn Siná (980-1037). Este filósofo e médico foi considerado um dos gênios da humanidade e ícone da história do pensamento oriental (Iskandar, 2011), também influenciou no conteúdo a ser ministrado posteriormente na Escola Médica de Salerno com professores árabes e judeus (Santos e Almeida Filho, 2012).

Com a criação da **Universidade de Salerno** (1077), na Itália, aproveita-se tanto a **obra de Avicena**, da Escola Médica de Raj, no Califado, quanto de **Averróis**, da Escola de Leis de Toledo, no califado de Córdoba. Eles preservaram a obra de Platão, Aristóteles e Hipócrates. Os livros de Hipócrates e o Canon da Medicina (Qanun fi 't-tibb) de Avicena são adotados como textos básicos na *Scuola Medica de Salerno* (Nunes, 1967; Iskandar, 2011). Por outro lado, os mosteiros medievais se debruçaram na obra de Aristóteles para estudar e ajustar à doutrina cristã. O resultado foi o movimento intelectual denominado **Escolástica** (Santos e Almeida Filho, 2012). Mais uma vez a cosmovisão de uma religião oficial serviria como filtro no entendimento do conhecimento.

A primeira universidade do mundo cristão foi a **Universidade de Bologna** (1088 ou 1108), na Itália (Wanderley, 1991; Santos, 1996). Esta universidade nasce sustentada por três poderes de acordo com um escritor medieval denominado Jordão de Osnaburgo: "*Sacerdotium*", "*Imperium*" e "*Studium*". O *Sacerdotium* tinha como mentor o papado, detentor do poder espiritual [que sistematizou em seus mosteiros a escolástica]. O *Imperium* era representado pelo **Sacro Império Romano-Germânico**². Essa instituição

² Entidade política composta por vários territórios semiautônomos, incluindo a atual Alemanha, Áustria, República Tcheca, Suíça e Luxemburgo e partes dos Países Baixos, Bélgica, França, Itália e Polônia (Janotti, 1992).



nasce com a denominação de “*Studium Generale*”, mas passou a denominar-se *Universitas* posteriormente (Janotti, 1992). Ainda no período medieval algumas *Universitas* passaram a defender e mesmo colocaram em prática uma maior liberdade de pensamento, se afastando do *Sacerdotium* e do *Imperium*, casos de **Pádua**, **Bologna** e **Pisa** (Ávila-Pires, 2000).

Percebe-se que inicialmente o poder religioso esteve à frente da instituição de ensino superior, porém, este foi paulatinamente sendo questionado passando a autoridades seculares. De acordo com Nardi (1993, apud Mainka, 2009) esse interesse das autoridades seculares em fundar suas próprias universidades tinha relação com a necessidade da formação em seu território dos seus próprios funcionários e eruditos e demonstrar soberania e poder frente à concorrência de territórios vizinhos. Acrescenta-se ainda a questão de direcionar a visão destas instituições para seus interesses.

Devido essas instituições serem em geral pagas, movimentavam a economia local, havendo vantagem para o local em que havia uma *Studium Generale*, porém, também era uma vantagem para quem conseguia finalizar o curso, pois fornecia uma carreira profissional que poderia modificar seu status social, se estendendo à sua família de alguma maneira. Essa qualificação era voltada para carreira eclesiástica, medicina, jurista e diferentes cargos na corte ou no governo (Baumgartt, 1993, apud Mainka, 2009), situação que contribuir para mudar vários aspectos da vida.

Nesse período foram criadas várias universidades³. Um marco nesse período foi a publicação do primeiro livro impresso (Bíblia) em 1454 na Alemanha, por Gutenberg. (Gomes, 2019). Esse avanço técnico iria modificar a forma de difusão do conhecimento no final da Idade Média, tanto fora quanto dentro da Universidade. Outro marco foi o nascimento do Humanismo no norte da Itália. Esse movimento deu início ao Renascimento Italiano (Mainka, 2009).

Na idade média prevalece a universidade que elabora um conhecimento e o apresenta a partir da cosmovisão de uma religião (seja ela islâmica, católica ou anglicana) associada a um poder temporal (império, feudo). Ou seja, ela continua com os princípios da Idade Antiga, no sentido de ser uma “garota propaganda” da religiosidade e do poder

³ Entre as universidades criadas por ano de fundação estão: **Bologna** (1088 ou 1108); **Salamanca** (1134, 1218 ou 1243), **Paris I** (1170 ou 1211), **Arezzo** (1215), **Pádua** (1222), **Nápoles** (1224), **Tolouse** (1229), **Siena** (1245), **Oxford** (1249), **Cambridge** (1284), **Coimbra** (1290), **Pisa** (1343), **Praga** (1348), **Florença** (1349), **Pavia** (1361), **Cracóvia** (1364), **Orange** (1365), **Viena** (1365), **Pécs** (1367), **Luca** (1369), **Heidelberg** (1386), **Leipzig** (1409), **Lovaine** (1425), **Barcelona** (1450) (Santos, 1996; Wanderley, 1991; Geib, Krah, Poletto e Silva, 2007; Mainka, 2009; Aguiar e Silva, 2015).



temporal, e aliando a cosmovisão de instituições de poder (Estado, Igreja e Sociedade econômica dominante) para gerar e difundir conhecimento de acordo com a vontade dos setores dominantes da sociedade. Mas como a disputa de poder é sempre algo inerente ao ser humano, essas instituições de poder mudam de comando através do tempo e nos seus variados espaços, fazendo modificar a forma como a instituição de ensino superior irá também apresentar e difundir seu conhecimento.

Na **Idade Moderna** (1453-1789), especialmente entre os séculos XV e XVII há de fato uma ruptura da universidade em relação à igreja católica. O período denominado Renascença fez com que as universidades que ainda eram católicas decaíssem devido suas ideias ainda estarem fortemente atreladas ao *Sacerdotium* (Claval, 2006).

O Sacro Império Romano-Germânico tinha interesse em fundar universidades para ter funcionários qualificados e institucionalizar o poder territorial exercido pelo Estado pré-moderno nascente. Na medida em que os Estados Territoriais inseridos no Sacro Império Romano-Germânico e os estados nacionais na Europa foram se fortalecendo, o Estado passou a requerer o poder exercido na Universidade, enfraquecendo o poder religioso nessa instituição, porém, este não se extinguiu completamente, pois na medida em que os soberanos passaram a exigir que os habitantes se formassem nas 'suas' universidades e ao mesmo tempo a Europa passou a ter confissões oficiais diferentes (católica, luterana e calvinista) a categoria religião passou a ser considerada no mercado de trabalho (Ridder-Symoens apud Mainka, 2009).

No século XVII ocorre uma grande mudança no modo de pensar a ciência, impulsionada pela contribuição do francês **René Descartes** (1594-1650). De formação escolástica no curso de Direito, conheceu várias maneiras de se lidar com o conhecimento, foi tutor e visitou universidades e cientistas (Ditchfield, 2008). Teve um protagonismo por ter questionado o ensinamento recebido sobre o que se entendia por ciência até então no mundo ocidental (utilização da razão humana para interpretar a doutrina cristã católica – ensino escolástico) e contribuir diretamente com as áreas da filosofia, matemática e ciência como um todo. A sua obra contribuiu para se constiur um sistema de interpretações mecânicas de fenômenos físicos. Ele fez avançar a ciência por ter contribuído com a mecânica de Newton, a teoria eletromagnética de Maxwell e à teoria da relatividade de Einstein, concepções que fizeram surgir a ciência que ainda conhecemos no século XXI (Ditchfield, 2008). Após Descartes a universidade se ajusta para atender aos anseios da burguesia, guiada pela pesquisa empírica.



Nesse período muitas outras universidades surgem, tanto na Europa quanto na América⁴. A Renascença (séc. XIV a XVI), o surgimento do Calvinismo (1517), a nacionalização da universidade (Séc. XVI) e René Descartes (1594-1650) são marcos importantes. Nesse período histórico o poder religioso (ainda presente) perde espaço para o poder do Estado e da sociedade econômica dominante⁵ em todos os modelos de universidade. Além dessa mudança de tomada de poder, há também a difusão desse modelo de instituição superior para o continente americano.

Na **Idade Contemporânea** (1789 até os dias atuais) a universidade se ajusta para atender a dualidade entre a difusão do saber e o atendimento às necessidades do mercado. De acordo com Siqueira (2012) há uma demanda por um maior número de profissionais especializados e um maior rebuscamento intelectual.

Na década de 1960, há mais um momento de ruptura importante. Desde o período denominado dos Movimentos Estudantis a instituição passou a ser questionada pela “sociedade” e pelo “Estado”. A sociedade faz exigências contínuas e o Estado passa a ter políticas cada vez mais restritivas de financiamento. Desta forma, essa instituição é desafiada a realizar reformas conjunturais e estruturais em um momento que parecia não estar preparada para tal mudança. Nesse contexto busca-se entender as razões para que a mesma seja uma instituição tão longa e resgata-se como muito importante o tripé (ensino, pesquisa e extensão) e dentre tantos objetivos da universidade do século XX o relatório da Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Econômico - OCDE destacou que esta instituição prepara para os papéis de liderança social (Santos, 2019). Esse momento histórico gerou reformas estruturais e conjunturais na educação em vários países até a atualidade.

UNIVERSIDADE NO BRASIL

No período do **Brasil colonial** até a chegada da família real portuguesa (1500 a 1808) não havia interesse de Portugal na formação de universidades. Quem pretendia frequentar o ensino superior precisava viajar até Coimbra ou Évora (Mendonça, 2000). Após 1808, a partir do modelo da Universidade de Coimbra foram instituídos cursos de

⁴ Entre as universidades criadas por ano de fundação estão: **Freiburg** (1456), **Basiléia** (1460), **Igolstadt** (1472), **Trier** (1473), **Mainz** (1476), **Tübingen** (1477), **Upsala** (1477), **Wittenberg** (1502), **Frankfurt** (1506), **Marburg** (1527), **Koenigsberg** (1544), **Lima** (1551), **México** (1553), **Iena** (1558), **Évora** (1559), **Leiden** (1575), **Ediburgo** (1583), **Córdoba** (1613), **Harvard** (1636), **Yale** (1701), **Göttingen** (1737), **Princeton** (1746), **Moscou** (1755), **São Petesburgo** (1789) (Wanderley, 1991; Mainka, 2009).

⁵ Entre os interesses da sociedade econômica dominante está a colocação da necessidade de uma maior dedicação a questões práticas e econômicas, surgindo a disciplina de Economia (Mainka, 2009).



ensino superior. Devido já ter ocorrido a reforma pombalina (1759-1782) o ensino universitário no Brasil já iniciou formalmente laico, sem o comando principal dos jesuítas em qualquer dos vários níveis de ensino, defendendo que o ensino oficial deveria ser público e que deveria ser ensinado na língua materna. Ainda assim era uma instituição de formação de elites, destinada às posições de maior prestígio e autoridade (Schwartzman, 1984)⁶. Mendonça (2000) acrescenta que os primeiros cursos de ensino superior foram criados pela Corte Portuguesa e foram mantidos pelos governos imperiais.

Na década de 1930 a Reforma Francisco Campos (1931) autorizou e regulamentou o funcionamento das universidades. Esse estatuto foi decretado por Getúlio Vargas e entre outras deliberações determinava que a universidade deveria se constituir em torno de um núcleo formado por uma Escola de Filosofia, de Ciências e de Letras. O manifesto dos pioneiros (1932), a criação da Universidade de São Paulo (1934) e a reforma Capanema (1937) em que foi criada a Universidade do Brasil (atual UFRJ) para servir de modelo para outras instituições que fossem criadas foram outros marcos dessa década (Martin & Orso, 200-).

Entre 1945 e 1965 houve um crescimento acelerado do ensino superior público, ocorrendo um processo de federalização de instituições estaduais e privadas, porém o setor privado começou a crescer (Martins, 2009).

Após o **golpe militar em 1964** alunos e professores começaram a manifestar descontentamento com os currículos existentes, realizando cursos paralelos, além disso, acirrou-se a insatisfação dos alunos que eram aprovados, porém não conseguiam vagas nas instituições em que eram aprovados (Martins, 2009). Com a **reforma universitária de 1968** houve um processo de abertura de vagas a partir da facilidade em implantar a universidade particular (Minguili, Chaves, Foresti, 2008).

Entre a metade da década de 1980 e o ano de 2002 se coloca em prática um desmonte da universidade pública brasileira, interrompida entre 2003 até 2015, mas que retomou esse desmonte até os dias atuais no Brasil, com raros momentos de investimento.

PROPÓSITO ATUAL DA UNIVERSIDADE: QUESTIONAMENTOS E POSSIBILIDADES

⁶ Entre os cursos de ensino superior criados por município e por ano de fundação estão: **Salvador** (Cirurgia, Anatomia e Obstetrícia; Economia – 1808; Agricultura – 1812; Desenho Técnico - 1817), **Rio de Janeiro** (Academia de Marinha – 1808; Academia Real Militar – 1810; Academia de Medicina e Cirurgia – 1813; Laboratório de Química – 1814; Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios - 1821), **Recife** (Matemática Superior e Medicina – 1809), **Vila Rica** (Curso de Desenho e História - 1817) (Mendonça, 2000).



Ao observar os modelos de universidades proposto por Castanho (2006) a universidade pública estaria entre os modelos **democrático-nacional-participativo** devido ainda defender esta instituição como um espaço livre da manifestação do espírito nacional e se aglutinar em torno do Estado Nacional. Por outro lado, também está se configurando com características relacionadas ao **modelo neoliberal-globalista-plurimodal** por cada vez mais se orientar para as exigências do mercado mundial, modificando seus Projetos Pedagógicos de Curso para que seus egressos consigam atender às exigências do mercado.

Essa segunda classificação se aproxima da difusão de ideias neoliberais ou iliberais na universidade, em que a mesma é desqualificada de variadas maneiras, inclusive devido a políticas públicas que retiram cada vez mais verbas para a educação e pesquisa, em especial, às Instituições de Ensino Superior.

Todavia, há um outro componente que poderia ser agregado a essa discussão, no sentido da influência da visão complexa/sistêmica estar sendo parcialmente absorvida a partir da necessidade de uma visão mais holística de resolução de problemas. No cotidiano essa situação se traduz na necessidade de resolver demandas da sociedade a partir de ações intersetoriais, agregando instituições de natureza distintas para que haja uma possibilidade de ação mais efetiva e/ou duradoura. Essa realidade está fazendo parte de falas como a de Beck e Birenbaum (2022) das exigências de pesquisas para atender os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Nações Unidas, 2025) e de vivências em trabalhos de campo em que parece haver essa necessidade de intersetorialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de algumas mudanças em relação a demanda social pelo que a universidade pode oferecer e de cada grupo que passa a ser hegemônico passa a caracterizar a universidade de uma maneira diferente, tem permanecido desde a Idade Antiga até o momento atual a mesma a característica de ser uma instituição de formação de líderes nas mais variadas áreas. E essa é uma discussão importante a se fazer em trabalhos futuros, em que nível estamos conseguindo realmente formar líderes em cada área do conhecimento?

REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. B. de; SILVA, D. C. da. National identity in fifteenth century Bohemia and the formation of a Czech Paideia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo – SP, v. 41, n. 2, p. 309-324, abr/jun, 2015. Disponível



em: <https://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/wp-content/uploads/2013/09/volume-41-n.-2.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

ÁVILA-PIRES, F. D. **Princípios de Ecologia Médica**. 2.ed. Florianópolis – SC: Ed UFSC, 2000, 328p.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3.ed. São Paulo – SP: Pearson Prentice Hall, 2007, 147p.

BECK, D. F.; BIRENBAUM, C.. **Israel**: conheça um pouco mais sobre o país e o que oferece em cursos universitários. [Webinar]. YouTube: Pró-saúde Geo, 24 de março de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONRWXoMVIVM>. Acesso em 09 ago. 2025. (60,111min), son, color.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos**. Juara – MT, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738/1630>. Acesso em: 07 set. 2025.

CLAVAL, P. **História da Geografia**. Lisboa – Portugal: Edições 70. 2006, 140p.

DITCHFIELD, A.N.. Apresentação. In: DESCARTES, René. **Discurso sobre o método**. Tradução de Alan Neil Ditchfield. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. (coleção textos filosóficos).

GEIB, L. T. C.; KRAHL, M.; POLETTO, D. S.; SILVA, C. B.. A tutoria acadêmica no contexto histórico da educação. **REBEN - Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília – DF, vol. 60, n. 2, p. 217-220, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/fwPJWjw5KgyXp3JfprqcYrs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 set. 2025.

GOMES, L. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro - RJ: Globo livros, 2019, 473p. (vol. 1).

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. **Compreender Al-fárabi e Avicena**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011, 132p. (série compreender).

JANOTTI, A. **Origens da universidade**. 2.ed. São Paulo – SP: EdUSP, 1992, 226p.

MAINKA, P. J.. As universidades européias no período pré-moderno (século XII-1800). **Educere et Educare** – revista de Educação. Cascavel – PR, vol. 4, n. 7, jan/jun. 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/3235>. Acesso em 10 set. 2025.

MARQUES, L. F.; ROBSON, D. M.; FERRARO, G.; MONTEIRO, J. A.; FLORENCIO, M. B. B.; MELLO, M. T. B. de; SASAKI, R. Desafios e oportunidades do budismo no Brasil: relato de um simpósio com tradutores/acadêmicos budistas. Porto Alegre - RS. **Debates do NER**, ano 21, n.40, p. 367-390, ago/dez 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/114289/65728>. Acesso em 06 jun. 2025.

MARTIN, E.; ORSO, P. J.. A expansão do ensino superior no contexto do regime militar: seus desdobramentos no oeste paranaense. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 7. **Anais ...** Campinas – SP: Graf. FE. HISTEDBR-UNICAMP, 2006. Disponível em: https://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/E/Edison%20martin.pdf. Acesso em 15 out. 2025.

MENDONÇA, A. W. P. C. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. N. 14, p. 131-150, Mai-Ago, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SjbNJRqbdckVKtgLrFskfxLJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 ago. 2025.

MINGUILI, M. da G.; CHAVES, A. J.; FORESTI, M. C. P. P.. Universidade Brasileira: visão histórica e papel social. In: PINHO, Sheila Zambello de. **Oficinas de estudos pedagógicos**: reflexões sobre a prática do Ensino Superior. 1.ed. São Paulo – SP: Cultura Acadêmica/ Universidade Estadual Paulista – Pró-reitoria de Graduação, 2008, 183p. v. 1. P. 31-47.



NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Brasília – DF, 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 09 ago. 2025, 11:59h.

NUNES, R. A. da C.. A origem da Universidade de Paris (I). **Revista de História**, São Paulo, v. 34, n. 69, p. 55-69, 1967. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/125979/122827>. Acesso em 20 jul. 2025.

PEREIRA, A. M. Reforma pombalina no Brasil e seus reflexos na educação pública. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3, 2019, Poços de Caldas – MG. **Resumos expandidos** [...]. Poços de Caldas – MG: GSC Eventos especiais, 2019, p. 1-4. Disponível em: <https://www.educacaopocos.com.br/Anais/Anais2019/3.%20REFORMA%20POMBALINA%20NO%20BRASIL%20E%20SEUS%20REFLEXOS%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20P%C3%9ABLI%20CA.pdf>. Acesso em 19 out. 2025.

SANTIAGO, D. G. **Novas tecnologias e o ensino superior**: repensando a formação docente. Campinas: 2006, 109f. (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas/ Centro de Ciências Sociais e aplicadas/ PPGE. Disponível em: https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/15328/cchsa_ppgedu_me_Dalva_GS.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 31 jan. 2025.

SANTOS, B. S. Da ideia de universidade a universidade de ideias. In: SANTOS, B. S. **Construindo as epistemologias do Sul para um pensamento alternativo de alternativas**. volume II, 2019, pp. 547-600. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvt6rkm6.25?seq=1>. Acesso em 17 ago. 2025.

SANTOS, F.M.S. **A organização e gestão das universidades**: aplicação ao Ensino Superior Público Português. Lisboa: 1996, 178p (dissertação). Universidade Técnica de Lisboa/ Instituto Superior de Economia e Gestão/ Mestrado em Gestão e Estratégia industrial. Disponível em: https://www.uc.pt/site/assets/files/957140/19961001_tese_filipes_a_org_e_gesta_o_das_univ.pdf. Acesso em: 07 set. 2025.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N. de. **A quarta missão da Universidade**: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Brasília – DF: Editora da Universidade de Brasília, 2012, 228p. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=MP7PCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=universidade+de+Al-Qarawiyin+Fez+Marrocos&ots=9WfaCh3Sk0&sig=X3I5n26NaZTvHpBl0O0zu7DLZtw&redir_esc=y#v=onepage&q=universidade%20de%20Al-Qarawiyin%20Fez%20Marrocos&f=false. Acesso em 08 jun. 2025.

SIQUEIRA, Márcia Dalledone. **Universidade Federal do Paraná**: 100 anos. Curitiba – PR: Ed.UFPR, 2012, 271p.

SOUZA, R. **Alexandria**. A encruzilhada do conhecimento. 2009. 104f. Monografia de graduação (Faculdade de Letras) Universidade do Porto. Porto, 2009. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6676.pdf>. Acesso em 20 set. 2025.

SIRE, James W. **O universo ao lado**: um catálogo básico sobre cosmovisão. 5.ed. Tradução de Marcelo Herberts. Brasília – DF: Editora Monergismo, 2018, 318p.

SCHWARTZMAN, Simon. **As teorias da universidade brasileira**. 1984. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/teorias.htm>. Acesso em 25 ago. 2025.

WANDERLEY, L. E.. **O que é universidade**. 8ª ed. São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1991, 84p.

WERMANN, J. A.; MACHADO, F. F.. Uma aproximação entre a academia de Platão, o liceu de Aristóteles e as universidades. **Theoria** – Revista Eletrônica de Filosofia. Pouso Alegre – MG, vol 8, n. 19, p. 1-17, 2016. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao19/01012016RT.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

